

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

CECIMIG – Centro de Ensino de Ciências e Matemática de Minas Gerais

ENCI – Especialização em Ciências por Investigação

**UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA COM ALUNOS DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O TEMA AUTOMEDICAÇÃO.**

Glauce Theozires Ferraz Duarte Rios

Belo Horizonte
Dezembro de 2012

GLAUCE THEOZIREZ FERRAZ DUARTE RIOS

**UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA COM ALUNOS DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O TEMA AUTOMEDICAÇÃO.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização, do ENCI- Ensino de Ciências por Investigação/FaE/UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências

Orientador: Mairy Barbosa Loureiro dos Santos

Belo Horizonte
Dezembro de 2012

Dedico esse trabalho em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Aos meus filhos, Gabriel e Ana Luísa, que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos. E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa meus pais, e não poderia esquecer minhas colegas de Enci Roberta Enaê e Fabiana Dias que me ajudaram nos momentos difíceis para que eu não desistisse vocês foram fundamentais na conclusão de meu curso.

AGRADECIMENTOS

À Mestre Mairy Barbosa Loureiro dos Santos, por sua dedicação e colaboração no decorrer deste trabalho, sempre apresentando observações importantes e compartilhando comigo os seus conhecimentos, a Maria Lucia Yoshico, que se disponibilizou a ler o meu trabalho, à Escola Estadual Madre Carmelita e aos meus alunos que tornaram possível a realização deste trabalho.

"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe."

(Jean Piaget)

RESUMO

Este trabalho relata uma proposta de ensino para introduzir o conteúdo diversidade dos materiais dando enfoque no tema automedicação. A proposta foi realizada com 34 alunos do sétimo ano do ensino fundamental da Escola Estadual Madre Carmelita. Assim, para investigar o nível de informações dos alunos sobre automedicação e a possível relação com as aulas de ciências, propus algumas questões que foram respondidas livremente pela turma. As informações coletadas junto aos alunos foram analisadas, servindo de base para planejar as atividades seguintes. Com essas atividades, foi promovido um processo de investigação sobre o tema automedicação com o conteúdo diversidade dos materiais, na tentativa de transformar o ensino de ciências em algo mais significativo e útil na formação dos jovens como cidadãos.

Os resultados obtidos pelos alunos foram que a turma utiliza com maior frequência os medicamentos: Paracetamol e Dipirona. Através das atividades os alunos perceberam que não há medicamentos totalmente seguros nem totalmente tóxicos. Muitos consideraram a automedicação um processo potencialmente maléfico à saúde individual e coletiva. Notaram ainda que a diferença entre remédio e veneno é a dosagem e que o uso irracional de medicamentos pode causar desde efeitos indesejáveis e agressões ao sistema digestivo, até resistência bacteriana, reações alérgicas e mascaramento de doenças.

A turma chegou à conclusão que a automedicação feita de forma correta pode trazer benefícios para a saúde, e no contexto dos países pobres, poderia ser considerada como uma necessidade, com função complementar aos sistemas de saúde.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	8
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.2. OBJETIVOS.....	11
1.2.1OBJETIVOS GERAIS.....	11
1.2.2OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.3 JUSTIFICATIVA.....	12
2 - METODOLOGIA.....	15
3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
4– CONCLUSÃO	26
5 - REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	27
6- APÊNDICE I- FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS.....	30
7- APÊNDICE II- TABULAÇÃO REALIZADA PELOS ALUNOS.....	32
8- APÊNDICE III-CARTILHA INFORMATIVA ENTREGUE AO PÚBLICO NA MANHÃ CULTURAL.....	35
9- ANEXOS.....	36

1- INTRODUÇÃO

As dificuldades enfrentadas pelos professores na prática docente, a desmotivação por parte dos alunos pela área ciências da natureza e a necessidade de um ensino com características investigativas foram pontos que motivaram este trabalho.

O eixo temático diversidade dos materiais é trabalhado nas escolas da rede estadual de Minas Gerais, mas muitas vezes utilizando concepções pedagógicas tradicionais, com um ensino descontextualizado e com o conhecimento fragmentado. A distância entre o que é trabalhado pelo professor e o cotidiano do aluno fazem com os alunos fiquem desmotivados, pois não gera uma aprendizagem com grandes significados.

Esta situação torna a ciência pouco atraente e até desvalorizada pelo aprendiz, que não consegue aplicar o que aprendeu, ou seja, não relaciona ciência, escola e vida. É nesse contexto que a escola tem um papel fundamental na formação dos indivíduos, para desenvolver valores que possam servir de mediadores do indivíduo com o mundo.

“Não basta o professor saber, ele deve também saber fazer.”
(CARVALHO e GIL, 1993).

A conexão do cotidiano com a sala de aula pode facilitar a compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, além de atribuir significado aos conteúdos trabalhados pelo professor, diminuindo com isto a distância entre a escola e a vida,

“... hoje mais do que nunca é necessário fomentar e difundir a alfabetização científica em todas as culturas e em todos os setores da sociedade [...] a fim de melhorar a participação dos cidadãos na adoção de decisões relativas a aplicações de novos conhecimentos” (Declaração de Budapeste, 1999-Conferência Mundial sobre Ciências para o século XXI.)

Segundo os PCNs “... o conhecimento não deve ser entendido como um conjunto de conhecimentos isolados, prontos e acabados, mas sim uma construção da mente humana em contínua mudança.”

Por isso as relações entre os alunos e entre alunos e professor se tornam amplas quando se discute na escola um assunto que é do interesse deles. Assim, para fundamentar a pesquisa busquei as contribuições da Teoria de Aprendizagem Significativa de David Ausubel e também das concepções sociointeracionistas de Vygotsky.

Ausubel, Novak e Hanesian (1980) entendem que, se o professor antes de apresentar o conteúdo ao aluno utilizar-se dos conhecimentos prévios deste, como uma ponte que ligará o que ele já sabe e o que deverá saber para que o conteúdo seja aprendido, tudo terá maior significado.

A teoria da aprendizagem de Ausubel tem um papel facilitador no ensino.

O professor que consegue colocar em prática essas ideias, certamente terá maior sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Cabe à educação escolar favorecer um ambiente propício e interativo entre o aluno, o material didático e o professor, munindo-os de ferramentas para o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem o crescimento do aprendiz enquanto indivíduo.

A teoria sociointeracionista de Vygotsky também oferece condições necessárias para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de modo incisivo, pois esta aponta para caminhos diferentes daqueles propostos pela escola conteudista, demonstrando que o conhecimento está longe de ser algo que se produz isoladamente.

Para Vygotsky (1989), é na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão interiorizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência.

Com este propósito de mudança, o trabalho relatado aborda um tema social e utiliza-se dele para interagir com o aluno e dar maior significado ao conteúdo de diversidade dos materiais.

Pensando nos alunos como seres sociais, este trabalho relata uma proposta de ensino acerca do tema automedicação, que foi utilizado para introdução e reconhecimento de materiais e suas propriedades, o conhecimento químico presente em atividades do dia a dia no 7º ano do ensino fundamental.

A automedicação aqui tratada é definida como a utilização de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas, para o tratamento de doença ou alívio de sintomas, sem a prévia avaliação de um profissional de saúde.

Segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação.

No Brasil, o problema da automedicação se tornou tão grave que o Ministério da Saúde estuda a possibilidade de realizar uma campanha em nível nacional sobre o uso racional de medicamentos, visando conscientizar as pessoas para que estas evitem consumir remédios sem orientação médica (FERRACINI & FILHO, 2005).

VILARINO(1998), afirma que a automedicação é um fenômeno potencialmente nocivo à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócuo ao organismo. O uso indevido de substâncias e até mesmo drogas consideradas banais pela população, como os analgésicos, pode acarretar diversas consequências como resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada e ainda aumentar o risco para determinadas neoplasias. Além disso, o alívio momentâneo dos sintomas encobre a doença de base que passa despercebida e pode, assim, progredir.

Apesar disso muitas pessoas utilizam da automedicação sem saber os riscos diretos e indiretos que esse uso indiscriminado pode causar, por ser um produto aceito e utilizado mundialmente, muitas famílias não dão a atenção devida ao fato que os medicamentos podem ser utilizados também como uma droga de abuso, causando tantos males, quanto àqueles causados por substâncias

psicoativas sendo utilizada de forma lícita ou ilícita, causando dependência, síndrome de abstinência e distúrbios comportamentais (DAL PIZZOL e outros autores, 2006).

Na maioria das famílias é muito comum alguém que indique um “remedinho”, ou “algo milagroso” para curar quaisquer que sejam os problemas, desde uma simples dor de cabeça, ou até mesmo doença mais grave. Estas são práticas comuns em nosso dia- a –dia, por isso, as escolas devem estar cada vez mais conscientes de seu papel, na formação dos educandos para além da sala de aula, fornecendo ferramentas para o desenvolvimento de habilidade que tornem o aluno um cidadão de ação social responsável, assim como é indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/ BRASIL, 1998).

1.1-PROBLEMA OU QUESTÃO DE PESQUISA

Uma abordagem investigativa, em sala de aula favoreceria aos estudantes a construção crítica sobre a questão da automedicação?

Todo conhecimento é a resposta a uma questão, o questionamento e a curiosidade são condições necessárias para a aprendizagem em ciências (BACHELARD, 1996).

1.2- OBJETIVOS

1.2.1- Objetivos gerais:

Neste trabalho pretendo identificar a prática pedagógica de ensino por investigação, no desenvolvimento do tema automedicação com a intenção de levar os estudantes a perceberem a vinculação do conhecimento científico e as ações relacionadas com a saúde.

1.2.2- Objetivo específico:

- a) Promover no aluno a habilidade de tomar decisões responsáveis.
- b) Contribuir com formação do aluno como cidadão.

c) Discutir as informações de bula de medicamentos e sua ação no organismo para o reconhecimento dos riscos gerados pelos mesmos.

d) Sistematizar, elaborar e disponibilizar informações sobre medicamentos para a população alvo.

1.3- JUSTIFICATIVA

O anseio dos profissionais da educação e dos professores em produzir uma aprendizagem eficaz está cada vez maior. Há algum tempo percebeu-se que era necessário melhorar o desempenho escolar do brasileiro, pra isso o Ministério da Educação tomou algumas atitudes, uma delas foi mudar o foco do ensino, para formador de comportamento e atitudes, prova disso temos as avaliações do ENEM.

Competências e habilidades são prioridades do MEC (1999) para que se forme um indivíduo autônomo, através de uma educação emancipatória.

Dentre as competências que, de acordo com o MEC (1999), estruturam a educação hoje, estão presentes algumas como:

- Relacionar informações, representadas em diferentes formas e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.
- Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.
- Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representados de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

Destaca-se aí o papel da aprendizagem significativa na construção de um indivíduo consciente, autônomo e digno do seu papel no contexto em que está inserido, uma vez que o desenvolvimento de um indivíduo acontece quando este se relaciona com os outros indivíduos do meio em que vive.

A partir dessa nova concepção de aprendizagem percebemos a necessidade de estudar o tema automedicação, já que essa prática de automedicação têm sido um dos principais causadores de intoxicações no país. A utilização indiscriminada e muitas vezes desnecessária desses produtos pela população cria a necessidade de informar e alertar os alunos sobre os riscos e os cuidados que se deve ter na utilização de medicamentos.

Incomodada com essa situação e percebendo que no Brasil, é grande o número de vítimas de intoxicação por medicamentos. O Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológico (SINITOX) registrou, em 2006, 32.884 casos de intoxicação por medicamento no país, correspondendo a 30% dos casos de intoxicação registrados naquele ano. A forma mais comum de intoxicação é a acidental (31%) e a faixa etária mais atingida é a de crianças menores de cinco anos, que representam 36% dos casos. Os medicamentos também lideram os casos de intoxicação entre jovens de 15 a 19 anos, com 35% dos casos registrados nessa faixa etária (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2006). Com um desejo de fazer acontecer um ensino melhor com um caráter investigativo, decidi trazer para a sala de aula, um trabalho sobre automedicação, pois a partir dessa abordagem estaria aproximando a escola e a vida dos alunos, mostrando que as aulas de ciências, até então sem valor para eles, pois os alunos apresentavam certo desinteresse pelo conteúdo, poderia esclarecer assuntos que, mesmo de maneira sutil está presente no dia a dia.

“... um conceito cotidiano abre o caminho para um conceito científico e o seu desenvolvimento descendente cria uma série de estruturas necessárias para a evolução dos aspectos mais primitivos e elementares de um conceito, que lhe dão corpo e validade.” (VYGOTSKY, 1989, p.93-94).

Apesar de a automedicação ser uma prática comum e possibilitar agravos e mascaramento de doenças, interações de medicamentos e intoxicações.

Tendo em vista os dados citados acima a escola precisa enfrentar o desafio de permitir que seus alunos reelaborem conhecimentos de maneira a conformar valores, habilidades e práticas favoráveis à saúde. Para FOUREZ (1997), é possível

despertar neles o interesse pelo conhecimento científico, através da resolução de situações-problema, relacionadas ao seu cotidiano.

[...] as reações possíveis à perturbação externa ou interna não se podem classificar em tudo ou nada, mas existem intermediários entre o fracasso e o sucesso sob a forma de tentativas, mais ou menos frustradas ou bem sucedidas. (PIAGET, 1993, p.165.)

Para isso, é necessária a adoção de abordagens metodológicas que permitam ao aluno identificar problemas, levantar hipóteses, reunir dados, refletir sobre situações, descobrir e desenvolver soluções comprometidas com a promoção e a proteção da saúde pessoal e coletiva, e, principalmente, aplicar os conhecimentos adquiridos, tornando-se sujeitos capazes de influenciar mudanças que tenham repercussão em sua vida pessoal e na qualidade de vida da coletividade.

2- METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com 34 alunos de uma escola da Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais, com idade entre 12 e 15 anos, com o intuito de contextualizar o aprendizado de ciências a partir de um ensino por investigação.

No ensino por investigação aqui concebido, os estudantes participam na construção dos conceitos, interagem, exploram e experimentam o mundo natural, tendo professor como direcionador, que auxilia na inclusão do processo Ensino por investigação.

O professor então desempenha papel de mentor e orientador das atividades, sugerindo e debatendo questões que contribuem para a elaboração da investigação dos alunos, dessa forma o professor favorece a vivência de experiências pelos estudantes. Para realizar tal metodologia foram necessárias 6 (seis) aulas de 50 minutos.

1ª. Aula: Os estudantes receberam o questionário (APÊNDICE I) que levaram para casa e em conjunto com os familiares preencheram cada item do questionário.

2ª Aula: De posse dos questionários montamos 5 grupos e distribuimos os questionários aleatoriamente para que os alunos investigassem quais medicamentos eram mais utilizados em cada um dos grupos.

3ª. Aula: Durante esta aula os alunos trouxeram para a sala as bulas dos medicamentos que mais citados na pesquisa que eles realizaram.

4ª. Aula: Foi apresentada aos alunos charges para serem interpretadas. As charges mostravam de forma critica o tema Uso indiscriminado de medicamentos, o interesse da indústria na sua venda e o hábito da automedicação. Durante essa aula recebemos a visita do diretor da escola em nossa aula e o mesmo ficou ciente do projeto e convidou a turma para participar de um evento do ensino médio (manhã cultural), para apresentar a comunidade o assunto trabalhado

5ª. Aula: Realizamos uma visita ao laboratório de informática para a coleta de informações sobre o efeito de medicamentos e produção de uma cartilha informativa.

6ª. Aula: Foi realizada uma avaliação com os estudantes sobre a metodologia utilizada e os conhecimentos adquiridos durante a realização do projeto.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Lipman (1995) confirma quatro grupos de habilidades que se tornam indispensáveis para os objetivos educacionais. Os grupos de habilidades delineadas e especificadas por Lipman são:

- Habilidade de investigação: Que se baseia em uma prática onde um tema é investigado a fim de se achar uma solução para a problemática. Através dessa habilidade o aluno idealiza hipóteses, aprende a explicar, prever, identificar causas e efeitos.
- Habilidade de raciocínio: processo de dispor tudo àquilo que foi encontrado através da investigação, por meio de deduções, comparações, suposições, o raciocínio permite descobrir coisas novas a partir daquilo que já conhecemos.
- Habilidade de organizar informações: pode resultar na formação de conceitos.
- Habilidade de tradução: Um dos elementos dessa habilidade é a interpretação. Assim traduzir compreende utilizar diferentes linguagens para explicar algo, mantendo seu significado.

Muitas habilidades citadas acima são verificadas nas matrizes de referência do ENEM (Brasil, 2009), diante das exigências de tal mecanismo de avaliação, é necessário que tais habilidades sejam trabalhadas e desenvolvidas nos estudantes, portanto em nossas aulas procuramos trabalhar de forma a objetivar as habilidades descritas por Lipman.

1ª. Aula: Durante esta aula foi informado aos alunos que estariam participando de um projeto investigativo sobre automedicação.

Os alunos receberam e levaram para casa um questionário (apêndice I) composto por 16 questões (definidas pela professora com intuito de conhecer melhor o uso de medicamentos e por quê de cada família investigada), que preencheram em conjunto com as famílias, dessa forma foram levados a descobrir

quais os fármacos mais utilizados por eles e seus familiares. Ficou decidido que o questionário deveria ser entregue a professora em nossa próxima aula.

“quando participam de investigações científicas, os alunos aprendem mais sobre ciência e ampliam seu conhecimento conceitual”. HODSON (1994)

2ª Aula: A professora recebeu os questionários respondidos pelos alunos e foram montados 5 (cinco) grupos que tabularam os resultados da pesquisa sobre automedicação, de acordo com o problema da pesquisa foram tabuladas somente as questões 13 e 14 do questionário (apêndice I) em gráficos de barra e as demais questões não realizamos nenhum tipo de tabulação, pois nosso tempo para realizar e concluir o projeto era curto e não tínhamos tempo hábil para realizar investigação das demais questões.

De acordo com a professora de matemática os alunos já sabiam realizar tabulação então foram utilizados os conhecimentos previamente adquiridos nas aulas de matemática para execução dessa etapa; segue um exemplo (Apêndice II).

Os alunos montaram cartazes em sala com as tabulações e resultados para divulgar para toda a turma e ao final concluíram que os medicamentos mais utilizados pela turma são: Paracetamol e Dipirona. A partir desses dados coletados os alunos pesquisaram e perceberam que medicamentos podem causar:

- Reações alérgicas
- Erros de dosagem
- Efeitos colaterais
- Dependência

Os alunos com muita vontade de aprender ainda quiseram ampliar mais seus conhecimentos e identificaram os motivos pelos quais os entrevistados realizam automedicação, são eles:

- Superlotação de postos de saúde e hospitais
- O raciocínio de que os remédios são menos tóxicos do que as drogas ilícitas.
- Propagandas farmacêuticas pela mídia
- Frequente dor de cabeça

Após essa etapa concluída os alunos ficaram incumbidos de trazer na próxima aula bulas dos medicamentos mais consumidos na turma, para que pudéssemos observar os efeitos colaterais.

3ª. Aula: Durante esta aula foi o momento de maior surpresa dos alunos, pois após analisarem as bulas e os efeitos colaterais de cada um dos medicamentos os alunos concluíram que os Medicamentos mais utilizados: PARACETAMOL e DIPIRONA causam os efeitos colaterais: **Dipirona**: A reação de hipersensibilidade de maior importância, embora rara, é a ocorrência da forma alérgica da granulocitopenia ou agranulocitose (Doença causada pela falta ou número insuficiente de leucócitos granulócitos (neutrófilos, basófilos e eosinófilos), que se manifesta como ulcerações na garganta e outras mucosas, seguidas por infecções graves), Pode ocorrer hipotensão (pressão sanguínea baixa ou queda repentina na pressão sanguínea. A hipotensão pode ocorrer quando uma pessoa muda rapidamente de uma posição sentada ou deitada para a posição de pé, causando vertigem ou desmaio).

“Durante esse momento o aluno M. C. “disse:” nossa acho que o medicamento está mais para um veneno do que para remédio”.

Efeitos colaterais **Paracetamol**: é contra indicado, mesmo nas doses habituais, para pacientes portadores de quaisquer disfunções hepáticas (hepatites causadas por vírus, alcoólicas ou cirrose), AIDS e doenças imunossupressoras. O vírus do Dengue, especialmente a forma hemorrágica da doença, provoca necrose do tecido hepático que pode evoluir em casos extremos, para a falência do órgão. E o paracetamol pode agravar este problema, pois, mesmo em pequenas doses, esta droga agride a célula hepática e pode causar danos, principalmente se já se trata de um órgão comprometido. “Por outro lado, a super dosagem de paracetamol, por si só, implica em sofrimento agudo do fígado e pode causar a falência do órgão em poucas horas.”

A aluna S. E. Santana e seu grupo fez a seguinte observação quanto ao paracetamol “... é precisamos participar mais das aulas de ciências estamos sendo envenenados sem nem saber”.

4ª. Aula: Apresentei aos alunos as charges abaixo que mostram de forma crítica o tema Uso indiscriminado de medicamentos, o interesse da indústria na sua venda e o hábito da automedicação.



http://3.bp.blogspot.com/_SiBUfj3jDSY/SotfivF7xcl/AAAAAAAAARtk/rp3gTf2j2AA/s1600-h/BENDATI+charge+Rem%C3%A9dio.jpg

- Charge 1 : Por que as pessoas se automedicam? Elas se sentem fortes para suportar o remédio (mas não o problema) ou acha que os remédios são sempre “bons” e por isso não fazem mal?

- Charge 2: O que dificulta que as pessoas desenvolvam o hábito de tomar medicamentos apenas com indicação médica?

A partir das charges apresentadas aos alunos explorei o seu significado para cada grupo e os comentários realizados por eles foram os mais diversos, segue abaixo alguns deles:

D. O. Soares: “Em minha casa a 2ª charge é uma realidade, porque todo mês fazemos compras de farmácia, tipo o que realizamos de supermercado, agora estou envergonhado e amedrontado, porque antes eu achava chique fazer isso”.

G. P. Souza: “Após esse trabalho de investigação eu deixei de me sentir importante ao ir comprar um remédio sem receita na farmácia”.

G. T. Silva: A charge 1 me fez pensar que já me senti assim forte ao tomar vitamina C por exemplo, porque na propaganda da tv eu via que dá vitalidade”.

Após esses comentários abri um momento de discussão e reflexão do assunto com a turma e eles concluíram que muitas vezes erramos por falta de informação.

O aluno A. R. Silva disse: “ Somos acomodados aceitamos tudo que é empurrado para a gente consumir.”

B. H. Abreu: “Minha mãe tem uma farmácia e apesar disso nunca havia lido uma bula de remédio nem sabia que podia fazer tanto mal, até essas aulas acontecerem.”

5ª. Aula: Quando realizamos a visita ao laboratório de informática os alunos quiseram mostrar para mim um vídeo que encontraram no youtube (<http://www.youtube.com/watch?v=ew98rhG-dCI&feature=fvwrrel>) que falava sobre o uso racional de medicamentos e fazia uma crítica a automedicação e pediram para passar esse vídeo durante a manhã cultural onde apresentariam seus resultados a população, pois recebemos um convite da direção da escola para participar desse momento que era para alunos do ensino médio. Como os alunos estavam muito empolgados em demonstrar sobre suas descobertas achei muito bom assistir o vídeo proposto por eles.

Após ver o vídeo aproveitamos que estávamos no laboratório de informática para montar as cartilhas para serem entregues aos visitantes da manhã cultural e cartazes que ficariam em exposição em nosso stand Automedicação: Momento de reflexão. Utilizamos esta aula para concluir o material de divulgação que segue em APÊNDICE III.

Durante a execução da cartilha participei muito pouco, pois os alunos queriam montar uma surpresa para mim e pediram que eu não visse o trabalho concluído das cartilhas, só conheci a cartilha no dia da apresentação a comunidade; percebi que os alunos haviam adquirido autonomia. Auxiliei então somente nos cartazes, pois cada um dos 5 (cinco) grupos falaria sobre um tema.

GRUPO 1: Finalidades do uso de medicamentos (Anexo III)

GRUPO 2: Formula farmacêutica e via de administração (Anexo IV)

GRUPO 3: Alguns medicamentos são absorvidos pelas mucosas(Anexo V)

GRUPO 4: ADMINISTRAÇÃO CORRETA DE MEDICAMENTOS (Anexo VI)

GRUPO 5: Entendendo a bula de medicamentos (Anexo VII)

6ª. Aula: Nessa aula os alunos concluíram que não há medicamentos totalmente seguros nem totalmente tóxicos. E muitos consideraram a automedicação

um processo potencialmente maléfico à saúde individual e coletiva. Notaram ainda que a diferença entre remédio e veneno é a dosagem e que o uso irracional de medicamentos pode causar desde efeitos indesejáveis e agressões ao sistema digestivo, até resistência bacteriana, reações alérgicas e mascaramento de doenças evolutivas.

A partir da análise dos efeitos colaterais, o porque as pessoas realizam a automedicação e percepção de que muitas pessoas utilizam desse processo porque o sistema de saúde deixa a desejar os alunos concluíram que a automedicação feita de forma correta pode trazer benefícios para a saúde, e no contexto dos países pobres, poderia ser considerada como uma necessidade, com função complementar aos sistemas de saúde.

A apropriação do conhecimento foi algo que aconteceu aos poucos se tornando mais eficaz, pois os alunos viram utilidade e necessidade no que estávamos aprendendo.

Através do presente trabalho os alunos aprenderam, discutiram aspectos sociais, sem deixar de aprender os conceitos previstos no currículo.

O projeto saiu melhor do que eu como educadora imaginava porque os alunos se envolveram tanto que argumentavam seu posicionamento sobre automedicação com os visitantes da manhã cultural que ocorreu no dia 28/09/2012, alguns dos posicionamentos dos alunos que escutei:

"A Automedicação é algo muito perigoso, não somente no imediato, mas podem trazer complicações futuras durante esse trabalho eu li que uma pessoa adquiriu diabetes por causa de medicamentos. A automedicação é algo que deve ser exterminado por toda sociedade."

A população que fez a visita à manhã cultural pode se conscientizar sobre os riscos da automedicação e ficaram encantados como alunos tão jovens diziam com tanto propriedade sobre um assunto tão complexo, me senti até envaidecida com o trabalho tão bem executado por meus queridos alunos do 7º ano B, a manhã cultural enriqueceu a apresentação dos trabalhos, pois apesar da cartilha produzida por eles usar frases prontas retiradas da internet, eu pude perceber que o ensino alcançou

seu objetivo de apropriação do conhecimento, mas os alunos apesar de terem conhecimento do assunto na execução da cartilha demonstraram dependência no momento de criação no uso da internet. Acredito que conseguimos responder a problematização: Uma abordagem investigativa, em sala de aula favoreceria aos estudantes a construção crítica sobre a questão da automedicação.

Para mim como educadora senti que meu papel estava cumprido, pois a partir do tema os alunos ficaram mais conscientes na tomada de decisões, pois eles passaram a ter informações básicas em ciência, no campo social e áreas afins à problemática em estudo, bem como desenvolveu a capacidade de julgar, e avaliar os custos e benefícios tanto pelas informações científicas e tecnológicas, como pela adoção de valores.

Através da diversificação de estratégias de ensino aprendizagem que foram utilizadas neste projeto e as amplas discussões que surgiram do mesmo, avaliamos que nossos alunos passaram a dar maior importância às aulas de ciências.

“O ensino voltado para a cidadania é caracterizado pela participação ativa do aluno, pela utilização de debates em sala de aula e pela problematização de situações em que o aluno tenha de propor soluções para um problema da vida real.”
(CHASSOT, 1995)

Durante o projeto os alunos perpassaram por vários momentos devido à amplitude dos temas que foram abordados, na elaboração de materiais para a divulgação do trabalho, questionários e principalmente quando fizeram uma conexão da proposta com suas relações na família, na escola e na comunidade.

Encerro positivamente este relato, pois após esta experiência foi visível o espírito de envolvimento entre os alunos, cooperação, solidariedade, maturidade e maior interesse nas aulas, os alunos perceberam-se integrantes, dependentes e agentes transformadores, contribuindo ativamente para a melhoria do conhecimento.

Quero deixar registrado também que o meu questionamento inicial, o que moveu a elaboração deste tipo de projeto e a necessidade do processo de construção de conhecimento através da investigação em minhas aulas de Ciências se renovará a cada ano letivo e sei que será constante em minha carreira de magistério.

Acredito que sem questionamentos, vontade e necessidade de aprender, não se faz educação, não se promove o conhecimento e não se forma cidadão. A promoção da saúde no ambiente escolar deve basear-se em uma visão integral e multidisciplinar do ser humano, considerando os contextos familiar, comunitário, social e ambiental.

Quando o assunto é saúde, o objetivo final é a mudança de hábitos e atitudes por meio da adoção de modos de vida mais saudáveis, para isso é preciso transformar o conhecimento em ação, processo muito mais desafiador e complexo que parece de início.

Esta proposta relatada possibilitou a participação ativa dos alunos na aquisição de conhecimentos, fazendo com que estes abandonassem as antigas repetições para aprender o conteúdo e construíssem seus próprios conceitos.

A cada etapa do trabalho pude perceber que uma grande interação se estabeleceu entre eles, principalmente, no momento das discussões em sala de aula, onde ocorreram trocas de opiniões, concordâncias, discordâncias e relatos, ficando clara a ativa participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação a isso AUSUBEL (1980, p. 391) afirma que: A interação com os colegas ajuda os alunos a vencer o egocentrismo e a percepção infantil de adultos como a fonte absoluta de verdade e sabedoria no que diz respeito a todos os julgamentos de valores.

Percebi que o trabalho tomou outra dimensão indo muito além da automedicação, pois desenvolvemos com os alunos competências para viver, quando os alunos desenvolveram autonomia para realizar a cartilha, a busca de um vídeo sobre automedicação em inglês e traduzido em espanhol.

Juntamente com os alunos, foi realizada uma avaliação de todo o aprendizado e conseguimos detectar pontos positivos. Primeiro, o apoio da comunidade escolar em não se opor em momento algum ao trabalho, segundo os alunos adorarem esta “nova forma” de aprender Ciências, para mim como educadora foi mais motivante trabalhar com alunos envolvidos com o tema, e finalmente poder perceber que o aluno realmente aprendeu a ter autonomia, utilizar de conhecimentos adquiridos e apropriação mesmo do assunto.

A parte negativa do projeto é que alguns alunos reclamaram que não possuíam a bula do medicamento, pois o medicamento foi adquirido no posto de saúde e eles não fornecem a bula junto com o medicamento, outro ponto negativo foi a questão do uso da sala de informática que nem sempre está disponível para uso e que o acesso a internet também nem sempre é possível, dificultando um pouco o trabalho. Acredito que os pontos negativos servirão de estímulo para os próximos estudos que surgirão. Concluí este trabalho, convicta de que cabe à escola e ao professor o papel de mediador da informação e de provocador da construção do conhecimento, para que de fato possamos (educadores) contribuir para a formação do jovem e da sua evolução enquanto cidadão.

[...] aprender ciências não é uma questão de simplesmente ampliar o conhecimento dos jovens sobre os fenômenos- uma prática talvez mais apropriadamente denominada estudo da natureza- nem de desenvolver e organizar o raciocínio do senso comum dos jovens. Aprender ciências requer mais do que desafiar as ideias anteriores dos alunos mediante eventos discrepantes. Aprender ciências envolve a introdução das crianças e adolescentes a uma forma diferente de pensar sobre o mundo natural e de explicá-lo; tornando-se socializado, em maior ou menor grau, nas práticas da comunidade científica, com seus objetivos específicos, suas maneiras de ver o mundo e suas formas de dar suporte às assertivas do conhecimento (DRIVER et al.,1999:36).

4- CONCLUSÃO

Analisando a situação de ensino aprendizagem em ciências torna-se necessário a mudança de cultura ou hábito dos professores de ciências e mudem a estratégia de ensino, tornando as aulas mais interessantes e atrativas aos alunos.

A atividade proposta neste trabalho tentou ser um instrumento para ajudar na promoção de algumas mudanças. A abordagem investigativa sobre automedicação favorece o desenvolvimento de vários conceitos sobre química, fármacos, substâncias, etc.; de forma contextualizada, envolvente e atrativa, o que em minha opinião pode auxiliar aos alunos na construção de conhecimento.

O ensino como feito neste trabalho buscou o que realmente é interessante para o aluno, instigando-os na construção do aprendizado ao lidar diretamente com a experiência.

A metodologia de ensino utilizada com certeza conseguiu despertar nos alunos o gosto e interesse pelas aulas de ciência, pois trabalhou com temas que se relacionam com a realidade vivenciada pelo aluno em seu cotidiano.

Concluo o trabalho com um saldo positivo, pois o questionamento inicial foi respondido: uma abordagem investigativa, em sala de aula favoreceria aos estudantes a construção crítica sobre a questão da automedicação. Acredito que sim, pois na manhã cultural os alunos responderam aos presentes que com a atividade investigativa puderam aprender muito mais.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA. Disponível em <<http://www.abifarma.com.br>>

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. 2a ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Contraponto, 1996.

BRASIL-MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais – pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Educação para o Consumo Responsável de Medicamentos e de outros Produtos Sujeitos à vigilância Sanitária: Educavisa. Relatório final - Julho de 2005 a novembro de 2008. Brasília: ANVISA, 2008.

BRUNDTLAND, G.H. Global partnerships for health. **Who Drug information**. 1999; 13(2): 61-64.

CARVALHO, A. M.P e GIL, D. **Formação de professores de ciências**. São Paulo: Cortez, 1993.

CHASSOT, A. I. **Para que(m) é útil o ensino? Alternativas para um ensino (de Química) mais crítico**. Canoas, Editora da ULBRA, 1995.

DAL P.T.S, BRANCO M. M.N, CARVALHO R.M.A, PASQUALOTTI A., MACIEL E.N, MIGOTT A.M.B. Uso não-médico de medicamentos psicoativos entre escolares do ensino fundamental e médio no sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública** 2006; 22(1): 109-15.

Declaração de Budapeste, 1999- **Conferência Mundial sobre Ciências para o século XXI**.

DRIVER, R. et al. (1999). "Construindo conhecimento científico na sala de aula". **Revista Química nova na Escola** 1(9).

ENEM. Disponível em: enem.inep.gov.br. Acessado em julho 2012.

FERRACINI, F.T.; FILHO, W.M.B. **Prática Farmacêutica no Ambiente Hospitalar**. São Paulo, Atheneu, 2005.

FOUREZ, G. **Alfabetización Científica y Tecnológica: acerca de las finalidades de la enseñanza de las ciencias**. Ediciones Colihue, Buenos Aires, Argentina, 1997.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Centro de Informação Científica e Tecnológica. Sistema Nacional de Informação Tóxica Farmacológica. Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente tóxico. Brasil, 2006. Disponível em <<http://www.fiocruz.br/cict/informacao/intoxicacoeshumanas>> Acesso em: 06/06/2012 às 20h00minh.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HODSON, D. **Hacia um enfoque más crítico del trabajo de laboratorio**, Enseñanza de las ciencias, 12,3,299-313,1994.

KHALICK e LEDERMAN, N.G. **International journal of Science education**, 22(7), p.665-701, 2000.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Editora Vozes, 1995, RJ.

LUDKE, M; ANDRÉ M.E.D. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1996.

MEC — Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais para o Ensino Médio. Ciências Matemáticas e da Natureza e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação (Secretaria de Educação Média e Tecnológica), v. 3, 1999.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 80 p.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1992.

MINAYO, M.C.S (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos.** Rio de Janeiro. Fiocruz, 2005.

MOREIRA, M. A. e MASINI, E.F. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Editora Moraes, 1982.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia.** 19.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Perspectivas políticas sobre medicamentos da OMS- Promovendo o uso racional dos medicamentos: principais componentes. Bol Farmacoter 2002; Ano VIII (01):1.

PAULO, L. G. & ZANINI, A. C., 1988. Automedicação no Brasil. **Revista Associação Médica do Brasil.** 34: 69-75.

ROZENFELD, S. Farmacovigilância: elementos para a discussão perspectivas. **Cad. Saúde Pública**, v. 14, n. 3, p. 237- 263, 1998.

SANTOS, W. L. P.; SCHNETZLER, R. P. **Educação em Química: compromisso com a cidadania.** Ijuí, Editora Unijuí, 1997

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** 3. Ed. SP, Martins Fontes, 1989.

VILARINO, J. F. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 32, p. 43-49, 1998.

APÊNDICE I: – FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS

1. Identificação:

1.1. Nome: _____

1.2. Sexo: 1.3. DN: ____/____/____

2. Condição de saúde:

2.1. Sua saúde está: 1 Excelente 2 Ótima 3 Boa 4 Regular 5 Ruim

2.2. Tem direito a algum plano de saúde? (Pode ser plano de saúde privado ou que a empresa pague). 1 Sim 2 Não

2.3. Consultou-se com médico(a) nos últimos 3 meses? 1 Sim 2 Não 3 Não lembro

3. Já usou ou comprou medicamentos sem receita médica? () SIM() NÃO

4. O medicamento era para uso:

() próprio

() outro membro da família

() ambos

() outra pessoa

5. Esqueceu ou perdeu a receita na hora da compra?

() SIM() NÃO

6. Já aconselhou-se com o farmacêutico ou balconista para comprar medicações?

() SIM() NÃO

7. Já recebeu conselhos não solicitados (na farmácia)?

() SIM() NÃO

8. Aconselhou-se com terceiros?

() SIM() NÃO

9. Em caso afirmativo (questão anterior), com quem?

() vizinho () parente

() amigo () outros

10. Já se baseou em receitas médicas antigas?

() SIM () NÃO

11. Em caso afirmativo, essas receitas antigas eram:

() suas () de outra pessoa – Quem?

12. O medicamento comprado/usado necessitava “apresentação obrigatória” de receita médica?

SIM NÃO

13. Assinale com quais medicamentos você já se automedicou?

- analgésicos/antitérmicos anti-inflamatórios
 xaropes para tosse antiasmáticos
 antibióticos corticoides sistêmicos (via oral)
 corticoides nasais (sprays nasais com corticoides)
 descongestionantes/vasoconstritores nasais
 antialérgicos/anti-histamínicos
 gotas otológicas (para ouvidos)
 remédios para resfriados/gripes
 outros - Quais:

14. Quais motivos/doenças abaixo relacionados você acreditava possuir?

- dor de cabeça febre
 resfriado/gripe sinusite
 infecções/ inflamações de garganta (faringite, amigdalite, laringite)
 infecções/ inflamações de ouvido (otites)
 rinite alergias
 lesões orais lesões de pele
 outras doenças de cabeça e/ou pescoço
 refluxo doenças pulmonares
 outros - Quais:

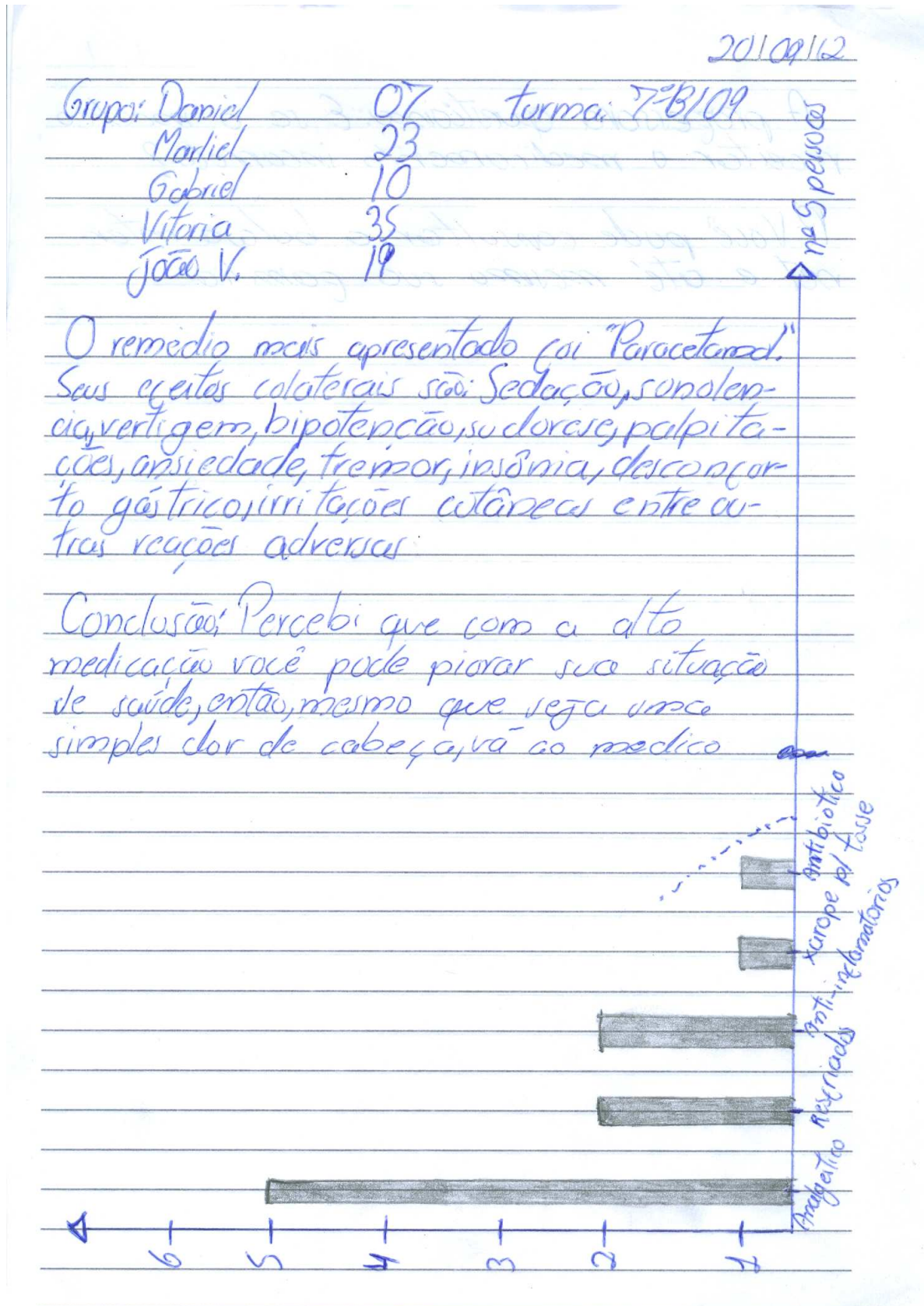
15. Durante quanto tempo usou a medicação?

- 01 dia 02 dias
 03 a 05 dias mais de 5 dias - Quantos:

16. Seguiu as instruções da bula?

SIM NÃO

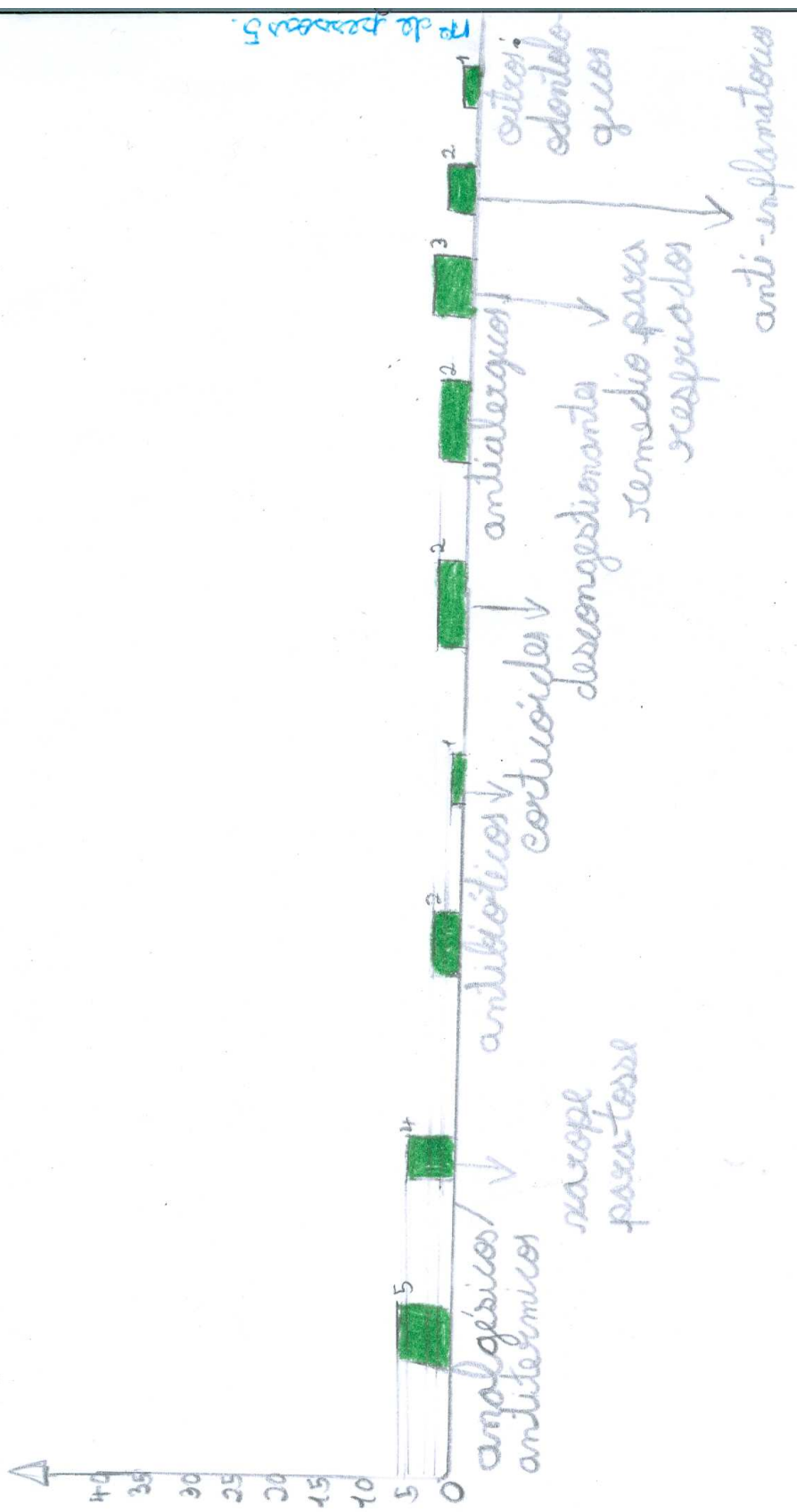
APÊNDICE II: TABULAÇÃO (GRÁFICO REALIZADO PELOS ALUNOS EM SALA E ESCANEADO)



	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Substancia															
Paracetamol															
Dipirona															
Bloramina															
Amoxicilina															
Atomecina															
Acetabolina															
Acetaminofeno															
Respirin															
Curo-sant															
Exobulina															
Empirapax															
Buscopida															
Lerfen															

© EDITORA ABRIL S.A.





APÊNDICE III: CARTILHA INFORMATIVA ENTREGUE AO PÚBLICO NA MANHÃ CULTURAL

ESCOLA ESTADUAL MADRE CARMELITA
PROJETO: AUTOMEDICAÇÃO
ALUNOS 7º ANO

MEDICAMENTO NEM SEMPRE É O MELHOR REMÉDIO

AUTOMEDICAÇÃO:
CUIDADO COM ELA



**O uso incorreto ou sem orientação pode causar
Sérios problemas à saúde.**

Procure orientação na unidade de saúde mais próxima de sua casa



Vários remédios
Não podem ser
Usados durante
A gravidez e a
Amamentação.

Nessas situações
Procure o médico
Par qualquer Orientação.

Tomar antibióticos por conta própria
é muito perigoso, porque eles podem causar
resistência das bactérias, anulando o efeito do remédio.



Illustration: Don Smith

ANEXO I: O CONSUMO ABUSIVO DE MEDICAMENTOS PELOS JOVENS

Usar medicamentos por conta própria também faz parte dos hábitos de diversos adolescentes em todo o mundo. Com o intuito de curar alguma doença, alcançar o bem-estar pessoal ou uma aparência física desejável, por exemplo, os jovens se tornaram adeptos dos mais diversos tipos de medicamentos, desde um comprimido para dor de cabeça, até calmantes, estimulantes e antidepressivos. Tudo isso sem nenhum acompanhamento médico.

Entre os medicamentos mais consumidos pelos jovens encontram-se:

- » Analgésicos e antibióticos.
- » Inalantes e tranquilizantes.
- » Medicamentos à base de anfetaminas – geralmente utilizados em medicamentos para emagrecimento, podendo criar dependência, além de muitos efeitos adversos como nervosismo, insônia ou diarreia.
- » Barbitúricos – utilizados para acalmar, induzir o sono e diminuir as dores.
- » Benzodiazepínicos – indicados para o controle de ansiedade e tensão ou para ajudar as pessoas a dormir.
- » Xaropes e gotas para tosse – alguns deles têm em suas fórmulas a codeína, que é um opiáceo natural.
- » Esteroides anabolizantes – drogas fabricadas à base de hormônio masculino, a testosterona utilizada para melhorar a aparência física e modelar o corpo. Os jovens costumam usar os anabolizantes de forma indevida e, como visto em diversas matérias em jornais, podem sofrer graves consequências por isso.
- » Medicamentos para disfunção erétil – têm sido utilizados pelos jovens normalmente por curiosidade, insegurança ou para aumentar a potência sexual.

Além dos riscos inerentes à automedicação, tal hábito quando praticado por jovens é ainda mais preocupante em função das misturas perigosas que eles costumam fazer. É importante que as escolas desenvolvam planos de ação para conscientizar esse público sobre tais práticas, enfocando os riscos que envolvem o uso de medicamentos.

ANEXO II- O QUE DIZEM AS ESTATÍSTICAS

O uso não racional de medicamentos não é uma prática exclusiva do Brasil, mas sim mundial.

Abaixo, seguem informações da OMS sobre este hábito que ocorre em muitos países:

» 25 a 70% do gasto em saúde, nos países em desenvolvimento, correspondem a medicamentos, em comparação a menos de 15% nos países desenvolvidos.

» 50 a 70% das consultas médicas geram prescrição medicamentosa.

» 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou usados inadequadamente.

» 75% das prescrições com antibióticos são errôneas.

» 2/3 dos antibióticos são usados sem prescrição médica em muitos países.

» 50% dos consumidores compram medicamentos para um dia de tratamento.

» Cresce constantemente a resistência da maioria dos microrganismos causadores de enfermidades infecciosas prevalentes.

» 53% de todas as prescrições de antibióticos nos Estados Unidos são feitas para crianças de 0 a 4 anos.

» Os hospitais gastam de 15 a 20% de seus orçamentos para lidar com as complicações causadas pelo mau uso de medicamentos.

Fonte: BRUNDTLAND, 1999

ANEXO III: FINALIDADES DO USO DE MEDICAMENTOS

Os medicamentos apresentam diversas características e funções, podendo ser classificados de acordo com as seguintes finalidades: finalidade de prevenir, de curar, de aliviar sintomas, ou de diagnosticar doenças. Tecnicamente, tais finalidades são definidas, respectivamente, como profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico. A seguir, são apresentadas cada uma delas:

PROFILÁTICA: todos os anos, durante determinada época, assistimos aos anúncios da Campanha de Vacinação, promovida pelo Ministério da Saúde e representada pelo famoso Zé Gotinha. O objetivo desse tipo de campanha é divulgar a importância da vacinação para prevenção de determinadas doenças, como a poliomielite. As vacinas podem ser classificadas como medicamentos com finalidade profilática, uma vez que são utilizadas com o objetivo de prevenir doenças.

CURATIVA: muitas vezes, quando nos sentimos mal e procuramos um médico, possivelmente estamos com alguma doença. Após realizar o diagnóstico e confirmar a existência da patologia, normalmente o médico prescreve determinado medicamento com o objetivo de curar definitivamente o paciente.

Este é um exemplo de um medicamento com finalidade curativa, pois é responsável pela eliminação das causas de determinada enfermidade, assim como pela correção de uma função corporal deficiente. Um exemplo muito comum de medicamento com essa finalidade é o antibiótico, o qual age no combate de infecções provocadas por bactérias.

PALIATIVA: Quando torcemos o pé, o médico prescreve um analgésico, para o alívio da dor, já que o próprio organismo se encarrega da cura da torção. O analgésico servirá apenas para aliviar o sintoma, agindo como um paliativo até que o problema esteja totalmente resolvido, ou seja, curado. Os medicamentos com finalidade paliativa são aqueles que servem para eliminar sintomas, e não curar doenças. Juntamente com os analgésicos podemos citar os medicamentos que atuam contra febre, náuseas e vômito.

Vale alertar, o uso desse tipo de medicamento exige cuidado e atenção, pois, ao aliviar os sintomas, ele pode mascarar a doença, dando a falsa impressão de que o problema foi solucionado, e acabar agravando o estado de saúde da

pessoa. Por isso, é importante consultar um médico, afinal, ele é a pessoa capacitada para identificar o problema e buscar a melhor solução.

PARA FINS DE DIAGNÓSTICO: Quando o paciente necessita realizar certos exames, como alguns tipos de tomografia computadorizada, é necessário utilizar um meio de contraste para uma melhor visualização de determinadas partes do corpo. Nesse caso, o meio de contraste é um medicamento para fins de diagnóstico, pois auxilia na detecção de doenças, na formação de um diagnóstico sobre determinado problema. Além de auxiliar o diagnóstico, tais medicamentos também servem para avaliar o funcionamento de órgãos. Neste grupo estão os contrastes radiológicos (renal, hepático, digestivo, entre outros), meios auxiliares para o diagnóstico oftalmológico e outros diagnósticos.

ANEXO IV: FORMA FARMACÊUTICA E VIA DE ADMINISTRAÇÃO

Os tipos de via de administração e suas respectivas formas farmacêuticas:

VIA ORAL : o medicamento entra em contato com o organismo pela boca, e é absorvido no estômago ou intestino. São exemplos os comprimidos, cápsulas, pastilhas, drágeas, pós, xaropes, suspensão.

VIA CUTÂNEA: o medicamento entra em contato com o organismo através da pele. Os exemplos são as pomadas, cremes, loções, adesivos, aerossóis.

VIA PARENTAL: o medicamento não precisa passar pelo sistema digestivo para chegar ao sangue, são introduzidos diretamente no sistema circulatório, como os medicamentos injetáveis (intramuscular, intradérmica, subcutânea, intravenosa, endovenosa).

VIA SUBLINGUAL: o medicamento é absorvido diretamente na boca, não sendo necessário passar pelo sistema digestivo para chegar até a corrente sanguínea. São comprimidos a serem colocados embaixo da língua, e se diferem da via de administração oral. Por exemplo, medicamentos para controle da pressão arterial.

ANEXO V: ALGUNS MEDICAMENTOS SÃO ABSORVIDOS PELAS MUCOSAS

VIA NASAL: absorvidos pelo nariz, por exemplo, spray e gotas.

VIA OFTÁLMICA: são absorvidos por intermédio dos olhos, como colírios e pomadas.

VIA AURICULAR: acessam o organismo pelo ouvido.

VIA VAGINAL: são introduzidos no organismo pela vagina, por exemplo, cremes e pomadas, óvulos e comprimidos vaginais.

VIA RETAL: são inseridos pelo reto, como os supositórios.

ANEXO VI : ADMINISTRAÇÃO CORRETA DE MEDICAMENTOS

Na hora de usar um medicamento, muitas pessoas ficam em dúvida quanto ao modo correto de utilizar algumas formas farmacêuticas. Normalmente tais informações devem ser transmitidas pelo próprio prescritor, assim como pelo farmacêutico, no momento da entrega do medicamento. No entanto, algumas dicas são importantes, para que a pessoa fique atenta no momento de usar um medicamento:

» Os comprimidos, cápsulas e drágeas devem ser tomados com um copo cheio de água, e o paciente deve estar em pé ou sentado.

» As cápsulas não devem ser abertas (engolir inteiras) e os comprimidos não devem ser partidos ao meio, exceto por recomendação do médico ou do farmacêutico.

» Quando tiver dúvidas sobre como ingerir o medicamento (água, leite, suco), utilizar apenas água.

» Caso a orientação seja utilizar o medicamento em jejum, ele deve ser ingerido com o estômago vazio.

» Em caso de medicamentos líquidos, sempre devem ser utilizadas as colheres ou copinhos que acompanham o produto.

ANEXO VII : ENTENDENDO A BULA DE MEDICAMENTOS

NA HORA DE LER A BULA, É BOM SEGUIR ALGUNS PASSOS:

1. Prestar atenção na composição do medicamento, verificando qual é o princípio ativo e a quantidade presente em cada unidade. Esta informação será muito útil em caso de substituição de um medicamento de referência por um medicamento genérico, pois permite confirmar a equivalência entre um e outro.

Além disso, permitirá saber quanto ingerir, de acordo com a dose recomendada. É importante verificar também os excipientes (os outros compostos usados na fórmula do medicamento, seja comprimido, tablete e xarope ou outro tipo), já que a pessoa pode ser alérgica a algum dos componentes.

2. A Apresentação indica a concentração, a forma farmacêutica e a quantidade do medicamento presente na embalagem. Essa informação é válida para saber quanto se deve comprar para fazer o tratamento prescrito pelo médico.

3. Verificar se o produto é de uso adulto ou pediátrico, para evitar complicações.

4. Confirmar a razão pela qual o médico prescreveu o medicamento em Indicações.

5. Em Modo de Uso ou Posologia, checar a dose que deve ser tomada, o que em geral varia de acordo com a idade, o peso ou a situação específica; a maneira de preparar o medicamento para o uso, por exemplo, dissolvendo o pó em água; como deve ser tomado, se com água, junto ou separado de refeições, entre outras coisas; e o intervalo de tempo entre uma dose e outra.

6. Ler sempre as Contraindicações. Assim é possível saber se não pode usar o medicamento em caso de doenças específicas, gravidez e amamentação, se é permitido tomar com bebida alcoólica ou se existe alguma interferência ou reação com outro medicamento que se esteja usando. Antes de receitar qualquer medicamento, o médico já deverá ter considerado esses aspectos. No entanto, um olhar atento eliminará possíveis dúvidas.

7. As Reações adversas são a parte mais longa da bula e a que, geralmente, desperta mais receio. Uma boa solução é ler com o médico ou com o farmacêutico para entender quais efeitos são realmente importantes e qual é a probabilidade de que aconteçam. Não é a mesma coisa se essas reações aparecem em 20% dos

pacientes do que em 0,01%. Algumas reações exigem que a pessoa suspenda o medicamento. Por isso a importância de consultar o médico ou farmacêutico para saber como agir.

8. Deixar as bulas dos medicamentos que se está usando à mão, pois, em caso de uma ingestão de medicamentos maior do que a indicada, o paciente deverá ler o item Superdosagem. Nele é possível saber como proceder e para que telefone ligar em caso de intoxicação (serviços de toxicologia).

9. Verificar como o medicamento deve ser conservado (temperatura, umidade e luz). Quando tiver que guardá-lo na geladeira, prestar atenção se deve ser na parte central, na porta, na gaveta ou no freezer.

ANEXO VIII: EXEMPLO DE PARTE DE UM FORMULÁRIO COLETA DE DADOS PREENCHIDO PELOS ALUNOS E ESCANEADO

Sérgio

Entrevistado: *Olívia mãe*

Nome: *Jaqueline Aquino Ferreira*

Idade: *37 anos*

Sexo: *feminino*




1) Nome do entrevistado: *Jaqueline Aquino Ferreira*

2) Idade: *37 anos*

3) Sexo: *feminino*

4) Assinale com quais medicamentos você já se automedicou?

(o nome do medicamento é importante para realização da pesquisa dos efeitos colaterais descritos na bula)



5) O medicamento foi usado como:

- analgésicos/antitérmicos anti-inflamatórios
 xaropes para tosse antiasmáticos
 antibióticos corticoides sistêmicos (via oral)
 corticoides nasais (sprays nasais com corticoides)
 descongestionantes/vasoconstritores nasais
 antialérgicos/anti-histamínicos
 gotas otológicas (para ouvidos)
 remédios para resfriados/gripes
 outros - Quais:

6) Quais motivos/doenças abaixo relacionados você acreditava possuir?

- dor de cabeça febre
 resfriado/gripe sinusite
 infecções/ inflamações de garganta (faringite, amigdalite, laringite)
 infecções/ inflamações de ouvido (otites)
 rinite alergias
 lesões orais lesões de pele
 outras doenças de cabeça e/ou pescoço
 refluxo doenças pulmonares
 outros - Quais:

7) ~~Quanto pessoas você entrevistou~~

7. Quem indicou o medicamento para você?

8. Em algum momento de sua vida você se preocupou em ler a bula dos medicamentos que você utiliza sem receita médica?

7. Minha mãe se alto médica

8. Já li algumas bulas, mas não entendi quase nada e não sei onde diz posologia, pois o resto são informações técnicas.